

“HISTÓRIAS AO PÉ DO OUVIDO – 3^A TEMPORADA: NARRATIVAS FEMININAS”

Um ensaio dos Dias Mulheres que virão

A terceira temporada do podcast “Histórias ao Pé do Ouvido”, completamente dedicada às narrativas femininas na Dança de Recife, foi aprovada no Fundo de Incentivo à Cultura do Estado de Pernambuco, no ano de 2018, mas sua história é anterior a essa data.

Já havíamos criado duas edições, nenhuma com um tema único, mas a potência da audição das histórias a partir das vozes dos próprios personagens e personalidades já era conhecida no Acervo RecorDança desde 2014, quando da estreia de nosso podcast. Em 2015, eu ingresso no mestrado em Direitos Humanos, uma pós-graduação interdisciplinar oferecida pela Universidade Federal de Pernambuco e, em 2016, absolutamente imersa nas discussões sobre o campo e sua interseção com a Dança, por onde caminhou minha pesquisa, assisti, junto com todo o país, ao golpe político executado contra a primeira e única mulher, até então, eleita como presidenta do Brasil, Dilma Roussef. Cai doente.

No ano seguinte, 2017, depois de ter defendido a dissertação e amadurecido ainda mais o entendimento sobre a realidade nacional machista, misógina e patriarcal escancarada naquele ritual de *impeachment* performático, desmemoriado e perverso, me entendia mais que nunca uma mulher que é artista na cena do Recife. Uma mulher mestiça, bissexual, nordestina, pobre, historiadora, que é artista e pesquisadora da Dança e dos Direitos Humanos. Estava ferida e traumatizada, e sabia que tais dores não eram recentes, inéditas ou exclusivamente minhas, apenas pude ter acesso mais direto e objetivo a elas. Observava ao redor e enxergava minhas companheiras sangrarem sob um discurso progressista que as instituições e os fazedores da Dança gostam e sabem fazer, enquanto padecem de práticas obsoletas e uma cultura contaminada pela lógica colonial. Eu precisava de um contorno, de um contexto mensurável, de nomear os processos pelos quais passei e a que assistia minhas colegas de profissão vivenciarem, até para conseguir continuar dançando. Estava certa de que o meu relato de experiência sozinho poderia ser lido apenas como uma exposição pessoal, um caso particular.

Para tratar de uma questão estrutural na cultura da Dança em Recife, de Pernambuco, denunciando seu aspecto normatizador e pervasivo da violência de gênero, agravada com as suas interseccionalidades, era necessária a reunião da diversidade contida na categoria mulher da Dança. Era imprescindível a força singular da coletividade, a união e organização dessas vozes. Como integrante do RecorDança, coletivo de pesquisadoras fundado e há alguns anos integralmente composto por mulheres, encontrei escuta, espaço, ressonância, apoio e companhia para a reunião e propagação dessas narrativas com a credibilidade de uma instituição, que hoje tem dezoito anos de

existência, reconhecida nacionalmente pela sua atuação no Estado. Assim nasceu o “Histórias ao Pé do Ouvido – 3ª temporada: Narrativas Femininas” (HPO3).

Buscando preencher as lacunas acima elucidadas foi que toda a metodologia do projeto foi construída, passo a passo. Primeiro, veio a decisão de realizar todo o processo de pesquisa e criação exclusivamente com mulheres. O intuito não foi o de separar, discriminar, excluir ou preterir, mas antes explicitar para nós mesmas, e também para a classe artística e a sociedade como um todo, a nossa capacidade de realização, tantas vezes usurpada de nós pelo imaginário social que nos destina o lugar de dependência, incompletude, subserviência e subordinação. Além de construir um espaço com alguma segurança e acolhimento, onde nossas narrativas não fossem questionadas e desvalorizadas. Assim, garantimos que, além da equipe de pesquisadoras, todas as componentes da equipe técnica e as demais participantes e convidadas também fossem mulheres. E que esse fosse o ponto de partida de tudo que veio a ser reunido e criado a partir de então.

A terceira temporada do HPO é composta por cinco novos episódios¹, e inicialmente pensamos em produzir cinco novas entrevistas com artistas da Dança, preferencialmente, aquelas que ainda não haviam sido mapeadas pelo Acervo – uma forma de reparar essas ausências. A princípio, cada episódio seria composto por uma dessas novas entrevistas. Para levantar e escolher os nomes das mulheres a serem entrevistadas, decidimos convocar outras artistas da Dança para ajudar na missão, como tecnologia para descentralizar de nós, pesquisadoras do Acervo, este poder de escolha e decisão e de, quiçá, conhecer outras realizadoras, multiplicar as possibilidades e ampliar as potências de percepção. Foi, então, que lançamos um chamamento público para a criação de um grupo de estudos, aberto e gratuito, destinado a todas as mulheres da Dança (da cena ou não, cis ou trans) que sentissem de participar desse processo. A convocatória foi realizada em fevereiro de 2020.

O grupo de estudos teve duração de três meses (março a maio de 2020), e dele saíram não somente os possíveis nomes de entrevistadas como também as questões a serem perguntadas nas entrevistas. A inscrição para o grupo foi realizada via formulário google, e todas as inscritas foram acolhidas. Também era possível a participação avulsa nos nossos encontros. A princípio, os encontros semanais seriam realizados presencialmente, na nossa sede, o que só se concretizou no primeiro encontro. Com a chegada da pandemia da COVID-19 no Brasil e a adoção de necessárias medidas sanitárias, entre elas o distanciamento social, o grupo precisou adaptar suas atividades para o ambiente virtual.

Aproximadamente, quinze mulheres atenderam a esta convocatória e, juntas, realizamos um total de doze encontros, teóricos, mas também práticos. Aliás, esta foi a primeira vez em que o

¹ Todos os episódios do HPO estão disponíveis gratuitamente no Spotify: https://open.spotify.com/show/3Tk8slCgyFMQtqLOC4ygr4?si=GcsdOIzISVePVabjuw_feA&dl_branch=1.

Acervo RecorDança orientou uma prática de Dança coletivamente em sua trajetória. Entre as questões que vieram à tona, e com as quais todas as participantes partilham em suas experiências, estavam aquelas relativas à maternidade, aos padrões corporais, abusos, violências, invisibilidade, não reconhecimento, preconceitos etários, às diversas interseccionalidades possíveis com os estudos de gênero, como as questões raciais, de sexualidade, de classe, entre muitas outras. No desenvolvimento do grupo de estudos, cada participante também foi convidada a partilhar conosco nomes de mulheres da Dança que marcaram suas trajetórias, tomando como guia as experiências particulares de cada uma. O resultado foi mais de uma centena de nomes de mulheres artistas da Dança levantados, o que nos solicitou uma mudança de rota no planejado inicialmente: para contemplar o maior número possível dessas mulheres da Dança, garantindo suas inscrições na memória da Dança e a maior representatividade possível, decidimos que cada episódio conteria, além de uma entrevistada, três depoimentos mais curtos, o que possibilitou o registro de vinte diferentes narrativas femininas nesta temporada (quinze a mais que o planejado).

Uma outra ação inicialmente não prevista no projeto que acabou acontecendo em virtude do montante e da riqueza do material de pesquisa reunido foi o ciclo de lives de pré-lançamento. Nele, quatro convidadas, que chamamos de anfitriãs, receberam outras mulheres da Dança, para uma conversa sobre temas específicos. As anfitriãs foram algumas das artistas participantes do grupo de estudos, e os temas algumas das questões discutidas durante esse percurso. No total, foram realizadas quatro lives: Natalie Revorêdo convidou Kátia Virgínia para uma conversa intitulada “Sim, mulheres na técnica” (10/09/2020); Drica Ayub recebeu Íris Campos para conversar “Sobre ser artista e mãe” (17/09/2020); Isabela Severi chamou Renata Camargo para trocar sobre “Soma-mulher na Dança” (24/09/2020) e, por último, Gabriela Holanda recebeu a Coletiva para discutir sobre “A mulher que dança e a cidade” (01/10/2020). O ciclo de lives aconteceu no perfil do Instagram do Acervo RecorDança e se encontra gravado e disponível no IGTV². A escolha por anfitriãs de fora da equipe de pesquisadoras endossa o nosso desejo e compromisso, como coletivo, no reconhecimento da multiplicidade das vozes das fazedoras da Dança no Estado, desprivatizando a construção desta memória.

O lançamento da terceira temporada do “Histórias ao Pé do Ouvido” e apresentação pública do projeto também aconteceu remotamente, no canal do YouTube do Acervo RecorDança³, dia 08 de março de 2021, Dia Internacional da Mulher. Na ocasião, estiveram presentes as pesquisadoras do Acervo (Ailce Moreira, Elis Costa, Ju Brainer, Liana Gesteira, Roberta Ramos, Taína Veríssimo e Valéria Vicente) e também Gaby Conde (uma das mulheres artistas que nos ofertou depoimento),

² O perfil do Instagram do Acervo RecorDança é o @acervorecordanca, e também pode ser acessado aqui: https://www.instagram.com/acervorecordanca/?utm_medium=copy_link.

³ O canal do YouTube do Acervo RecorDança é o YouTube/acervorecordanca. Nele está a apresentação pública e lançamento do HPO3 gravada e disponível, podendo também ser acessada aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=aTbjs1cJfqk>.

Íris Campos (uma das participantes do ciclo de lives), Lara Bione (editora dos podcasts, representando a equipe técnica do HPO3), Raíssa Fonseca (participante do grupo de estudos) e Mestre Vilma Carijós (uma de nossas cinco entrevistadas). Além de Lara, nossa equipe técnica contou também com Beth Oliveira na assessoria de imprensa e Iara Sales na arte gráfica.

Por fim, mas não menos importante, é preciso registrar a decisão de dedicar toda esta temporada do HPO a nossa querida Daniela Santos, que se encantou, depois de brava luta pela vida, em novembro de 2020. Dani foi nossa colega no Acervo durante um tempo e, mesmo não sendo pernambucana, prestou uma contundente contribuição para a Dança no Estado, seja na sua atuação no RecorDança; na coordenação de pós-graduações de Dança (trazendo especializações como as da Faculdade Angel Vianna e CENSUPEG para Recife); sendo responsável pela chegada do Movimento Autêntico na cidade; seja na sua atuação como coordenadora de Dança no Paço do Frevo; ou ainda como dançarina e brincante. Em nossa publicação “Acordes e traçados historiográficos: a Dança no Recife”⁴, Dani assinou um artigo intitulado “Mulheres notáveis: despertando olhares para a contribuição das mulheres na Dança Afro do Recife” - sem dúvida nenhuma, uma primeira chama que aqueceu e iluminou os desejos e caminhos deste projeto.

Nas diversas ações realizadas pelo projeto “Histórias ao Pé do Ouvido – 3ª temporada: Narrativas Femininas”, participaram mais de quarenta protagonistas da Dança pernambucana, especialmente de Recife. São dançarinas, diretoras, professoras, pesquisadoras, mestras, iluminadoras, cenotécnica, técnica de áudio, costureira, que juntas conceberam e realizaram, através do Acervo RecorDança, uma preciosa documentação e rede coletiva de trocas. O resultado é uma mostra da multiplicidade de vozes e narrativas do que é ser mulher e trabalhar na Dança pernambucana, no exercício das mais diversas funções. Importante negritar, mais uma vez, que as curadorias necessárias à execução do projeto deram sempre atenção especial àquelas que ainda não tinham registro ou inserções no Acervo, além de buscarem contemplar o maior número de participantes possível, como já dito. Os episódios da terceira temporada do HPO, assim como das temporadas anteriores, estão disponíveis gratuitamente no Spotify e, em breve, também poderão ser encontrados no site do Acervo⁵.

Elis Costa

Pesquisadora do Acervo RecorDança

Idealizadora do Histórias ao Pé do Ouvido

⁴ VICENTE, Ana Valéria Ramos; MARQUES, Roberta Ramos. (orgs.). Acordes e traçados historiográficos: a Dança no Recife. Recife: Editora UFPE, 2016. 204 p.

⁵ www.acervorecordanca.com

Mulheres que movem mundos

Venho compondo a equipe de pesquisadoras do Acervo RecorDança há 11 anos, mas o Narrativas Femininas foi minha primeira participação na produção de seu podcast Histórias ao Pé do Ouvido. Durante as duas temporadas anteriores, estive envolvida em outras funções em projetos que ocorreram de forma paralela, onde subdividimos a equipe para dar conta das diversas demandas. Nesta oportunidade simbólica, calhou de todas as integrantes do acervo estarem envolvidas na sua produção, tendo eu, Ailce, Elis, Juliana e Liana como pesquisadoras, Valéria como uma das entrevistadas e Roberta como participante do grupo de estudos e comentarista de um dos episódios. Cada uma com sua trama do ser mulher na Dança, entrelaçadas com tantas que se juntaram a nós durante este tear coletivo, conduzido pelo poder feminino.

Nesse caminho, atravessado por desafios inesperados, a pandemia, o adaptar-se ao trabalho online e, assim, conduzindo o grupo de estudos, a realização das entrevistas, a primeira atividade de prática corporal não voltada para a equipe do acervo, orientada coletivamente pelas pesquisadoras, o lançamento dos episódios, tudo, de forma virtual, nos aproximamos de muitas outras, mesmo que à distância. Não que a vida remota tenha sido uma exclusividade de realidade nossa, mas sim de, diante de tanta dor, ainda buscamos atuar de forma atenta em proporcionar sempre uma escuta ativa, um acolhimento presente e irmos nutrindo afetos nesse caminhar. Ainda que esta já seja uma prática da equipe, isso se fazia ainda mais necessário ao criar este espaço aberto para partilha das vivências das que estavam chegando e, por vezes, revirar algumas dores, silenciamentos, opressões e garantir segurança para a fluidez do processo. Viver esse projeto durante esse momento tão incerto reafirmou em mim que o estar em coletivo é a fortaleza para abirmos qualquer saída no mundo e que, juntas, podemos tudo, absolutamente. Sabemos que podemos, mas, ainda assim, nos admiramos quando, ao final, percebemos que, sim, conseguimos. E isso me fez perceber que sentir-se mais forte entre mulheres também explicita a condição de fragilidade e insegurança que nos é imposta em uma sociedade patriarcal.

Em muitos aspectos, infelizmente, na Dança não é diferente, como foi levantado durante as reflexões obtidas nos encontros do grupo de estudos, lives e entrevistas. Temas como a cobrança sobre o corpo da mulher, para que emagreça, para que não envelheça, para que a maternidade não interfira no corpo, na prática, na rotina, a não visibilidade das questões de uma artista mãe; a padronização do corpo da mulher que dança e de como ele é visto para ser desejável, das expectativas criadas sobre este corpo, o que pode ser reforçado por movimentações, figurinos, etc.; abusos de limites sobre o corpo do outro, assédios, medos. Qual o lugar destinado à mulher,

experiências de invisibilidade e boicotes na presença de homens ou ainda de competição entre mulheres, sobre domínios de técnicas, luta por espaços na cena, etc.? Tudo isso enquanto para muitas mulheres ser artista nem é uma possibilidade.

Para além da Dança, o fato de vivenciarmos essa pesquisa durante a pandemia também trouxe à tona temas que atravessaram esse fazer de forma muito significativa. Pois, principalmente, mulheres estão à frente desse enfrentamento em todo mundo, seja nos hospitais, seja em suas casas, visto que a função do cuidado é culturalmente atribuída às mulheres. Assim, muitas das mulheres envolvidas nesse percurso também se encontravam voltadas para o cuidado de suas famílias, casas, mães, avós, mesmo que não houvesse apenas elas em seus ciclos familiares para exercerem tal função. Por outro lado, à altura do grupo de estudos, a divulgação de que países conduzidos por mulheres estavam sendo mais eficientes no combate à Covid-19, a exemplo da Alemanha e Nova Zelândia, trouxe uma visão macro sobre a relação de mulheres com o bem estar alheio. Porém, ainda que esse seja um dado positivo, é nítido perceber que essa conduta não se encontra dissociada de um condicionamento social.

Dessa forma, em meio a um contexto nem sempre favorável, criamos estratégias de luta e buscar eco no coletivo é uma delas, para também nos certificarmos de que “não é só comigo”, é estrutural. E, assim, ocuparmos os lugares, mas também alterarmos algumas lógicas de perpetuação do que nos diminui, como faz, lindamente, esta terceira temporada do HPO, trazendo narrativas múltiplas e potentes de mulheres que nos inspiram, a partir de um processo participativo, colaborativo, horizontalizado e sensível às particularidades, se desvirtuando de uma tendência hegemônica que não valoriza tais conduções de trabalho. Penso que ver a Dança como cura também é uma estratégia de luta, pois na ampliação da escuta, de si, do outro, é produzido autoconhecimento, reverberações e, na Dança, movem-se emoções, transmutam-se memórias, além de possibilitar maior atenção à saúde das estruturas do corpo, trazendo o autocuidado como fortalecimento das defesas. Por fim, para mim, fica como essencial para essa luta o ter consciência de ser integrante de uma constelação de forças femininas, trazendo nossa ancestralidade presente, reconhecendo a importância da representação de mulheres, não só na Dança, e de sermos atuantes em expor nossas narrativas, constituindo novas referências para outras mais. É compor um rio imparável de transformações desejáveis da realidade em que vivemos.

Taína Veríssimo

Pesquisadora do Acervo RecorDança

Tempo de mudança

O período do grupo de estudos “Narrativas Femininas”, para mim, é quase inseparável do período pandêmico. Vinha reconhecendo a necessidade de mudanças antes do período da pandemia e uma delas seria a de me afastar do projeto porque estava morando em João Pessoa; realizando outros trabalhos; as idas e vindas a Recife estavam ficando cada vez mais cansativas; e eu não sentia que podia seguir dessa forma e dar conta do trabalho que tínhamos a fazer pela frente. Eis que chega a pandemia e todos os trabalhos que eu realizava dependiam da presença, menos o do RecorDança, que passou a ser feito via internet, quando decidimos dar continuidade e realizar as atividades previstas para aquele período, que era o grupo de estudos, virtualmente. A minha permanência no projeto foi uma grande surpresa; eu precisava estar por uma questão financeira, queria estar por questões de afeto e conexão com o trabalho e tinha todo o tempo livre para estar porque não havia outro trabalho a ser feito naquele momento.

O contexto em que vivemos também acabou por permitir que outras mulheres participassem, e aí iniciamos esse processo de vivência, de escuta e de partilha. Junto a isso, havia também o meu processo interno de tentar me descobrir diante de todo o movimento global. Era um processo que já vinha acontecendo e se tornou cada vez mais intenso pelos encontros e pelas discussões que eram impulsionadas no grupo de estudos. Questionar o ser mulher. Ser mulher para quem? Ser mulher no trabalho. Que trabalho? A mulher que fui, a mulher das relações, a mulher da família, dos amigos... Por vezes, entrei em lugares confusos e senti a necessidade de ajuda para lidar com todos os questionamentos que me vinham e a cada semana estabelecemos os contornos de nossas discussões a fim de acolher cada uma que ali estava e as suas histórias.

Eram histórias de vida muito profundas, as que compartilhamos no grupo de estudos. Entendi que até para escutar histórias a gente precisa estar preparada. Muitas delas tocavam em lugares submersos no corpo e na mente e, isso, especialmente naquele momento, emergia como um turbilhão de emoções.

Todo o processo, grupo de estudos, lives, comentários e entrevistas me fez sentir extremamente honrada em estar presente, em também construir esse campo de mulheres tão potente, em fazer parte desse projeto.

Olho para esse período e um misto de sensações voltam a emergir: culpa por ter pensando em abandonar um projeto como esse; questionamentos de quem eu seria se não tivesse participado desse encontro tão poderoso; e gratidão por ter seguido nele e ter a oportunidade de ver e de ser partilha junto a outras mulheres. Além de um desejo profundo de continuar essa jornada junto a todas elas, as mulheres.

Ju Brainer

Pesquisadora do Acervo RecorDança

A saída é coletiva

“Conseguimos!” A palavra veio junto com a vibração. Os sentimentos de realização e satisfação estavam estampados no meu rosto e coração, junto com um sorriso genuíno, logo depois do encerramento da live de lançamento desta terceira temporada do podcast Histórias ao Pé do Ouvido, com a temática Narrativas Femininas, mesmo que ainda faltassem algumas etapas, como esse escrito aqui. Sim, esse “conseguimos” era mais especial que alguns outros experimentados na vida. Era por que tinha saído tudo perfeito? Não. Era por que não houve esquecimentos? Não. Era por que tudo tinha ocorrido conforme planejado? Não. Era porque, mesmo com tudo que houve no meio do caminho, mulheres juntas, se acolhendo, se fortalecendo, tinham realizado. Sim, parimos juntas uma temporada inteira desse podcast.

Creio que a realização desse projeto ganhou um significado especial, para mim, por ter acontecido num tempo tão desafiador, que é a pandemia da covid-19, e por trazer a força da união das mulheres. Durante o tempo em que estivemos juntas, essa força se revelou de tantas formas diferentes e, igualmente, importantes: na escuta ativa; na generosidade; na acolhida; no incentivo; no segurar das mãos e abraços não dados, mas sentidos virtualmente; no exercício da compreensão alheia; no compartilhamento; nos silêncios; nos choros e risos; no pensar; no dançar; no fazer, no fazer juntas, no fazer na medida de nossos limites, no fazer o melhor que poderíamos, no fazer por nós, em nós e pelas que vieram antes, que são e que virão.

O Histórias ao Pé do Ouvido: Narrativas Femininas, para quem esteve no processo, nunca vai ser só um conjunto de cinco episódios inéditos. É a costura e o enlace das histórias e memórias de mais de uma centena de mulheres da Dança, testemunhados em vestígios nessa reunião de vozes. Fazer com todas essas mulheres rompeu barreiras quase sempre impostas por uma sociedade patriarcal, misógina, machista, racista, capitalista, que nos diz “não capazes”, “menos capazes” ou “incapazes”. Juntas, fizemos o que de melhor sabemos fazer: mover estruturas.

Seja em cena ou atrás do palco, estamos sempre movendo, mesmo quando a pausa é necessária e reconhecidamente digna (como aconteceu durante nosso grupo de estudos em alguns momentos). Realizar esse projeto, junto com tantas mulheres e nossas potências, que também são

compostas por nossas vulnerabilidades e fragilidades acolhidas, soa em mim como um ensaio dos dias mulheres que virão, como evoca Elis Costa em sua escrita. E me traz a certeza de que, por mais adversa que seja a circunstância (estamos atravessando uma pandemia com um governo federal perverso, negligente, negacionista, corrupto e genocida), a saída sempre é coletiva. No caso de nosso podcast, a escuta também o é. Aproveitem nossas histórias narradas. A partir do momento em que você ouve, também é convidada a fazer parte dessa saída. Sigamos juntas. Assim, avançaremos.

Ailce Moreira

Pesquisadora do Acervo RecorDança

“A revolução é pegar semente e plantar”

A frase que intitula esse texto é da artista e amiga Duda Freyre, uma das participantes do grupo de estudos e uma das entrevistadas da edição HPO3 – Narrativas Femininas. Essa declaração foi dita por Duda em um dos encontros do grupo de estudos. E essa minha escrita está sendo tecida a partir das reflexões das dezenas de mulheres que compuseram esse projeto. Fui organizando aqui anotações feitas em meu caderno ao longo da pesquisa, relacionando com leituras aqui referenciadas, e proponho ser uma das fiandeiras dessa trama coletiva de reflexões.

Ficou latente em mim, a partir da minha experiência nesse projeto, e ao longo dos quase 18 anos em que participo como pesquisadora do Acervo RecorDança, o reconhecimento de uma potência de construção coletiva que permeia o cotidiano de várias mulheres, há milhares de anos, em diferentes contextos e culturas. Se pensar em comunidade e cultivar esse espaço de coexistência e colaboração é uma potência de ação que percebo emanar da força dos encontros de mulheres e seus modos de atuar na vida.

Em vários momentos do grupo de estudos, foi comentado sobre uma maneira de gerir espaços coletivos que algumas mulheres cultivam, num lugar mais horizontal de saberes, de falas, de escuta e de permissão para o emocional ser colocado. Uma contracorrente na produtividade imposta pela norma capitalista colonial do mundo, que nos encontramos na contemporaneidade. O desejo de construir outras lógicas de relação e de práticas foi muito conversado entre nós durante o grupo de estudos.

Ao longo das conversas em nossos encontros, foram ressaltadas algumas atitudes cultivadas entre mulheres que apontam para esse espaço colaborativo de convivência como: uma abertura para

cuidar das filhas e filhos da outra; dar apoio e suporte emocional em momentos difíceis; valorizar nossos fazeres e trabalhos; e entender outros tempos de realização profissional diante de tantas demandas domésticas e públicas que as mulheres precisam exercer em seu cotidiano. Obviamente que não podemos universalizar essas atitudes, trago aqui como apontamentos para caminhos identificados em minhas experiências, e na desse projeto, de uma predisposição coletiva de construção possível de relações em contraponto a um contexto instaurado nas sociedades ocidentais onde outros valores (individualismo, competição, privatização da vida) também coexistem.

Uma de minhas primeiras vivências de uma maneira mais colaborativa de trabalho foi a partir de minha participação no Acervo RecorDança, que sempre priorizou um tipo de gestão mais compartilhada, na qual cada pesquisadora integrante é escutada e levada em consideração nas tomadas de decisões. Tanto é que a composição da equipe do Acervo, e as definições de papéis, foram se reconfigurando ao longo desses 18 anos.

Num primeiro momento do RecorDança, existiam papéis definidos de coordenação e pesquisadoras, com alguma diferenciação de poderes. E essa configuração foi modificando, e descentralizando, para um modo móvel de definição de papéis em que as lideranças se revezam a cada tempo, a depender de quem propõe o projeto a ser realizado naquele ano. Todas têm espaço para propor e liderar uma pesquisa. Bem como a composição das equipes é formada a partir das identificações de cada pesquisadora com a pesquisa proposta, numa organização de atividades de trabalho que se adeque às habilidades e perfil de cada pesquisadora integrante. Mesmo com essas lideranças momentâneas, existem sempre as reuniões anuais em que todas as integrantes têm espaço de voz e escuta sobre os desejos e disponibilidades de atuação no Acervo. Importante ressaltar que nossas conversas e reuniões também abrem espaço para a expressão de emoções e sentimentos, num acolhimento coletivo das subjetividades de cada integrante.

Desde janeiro de 2019, o Acervo se entende como um coletivo de pesquisadoras, cada uma com sua atuação e saberes, dando espaço para suas autonomias e também cultivando um espaço comum de trocas afetivas e de trabalho. Esse é um exemplo de como a organização de um coletivo majoritariamente feminino pode influenciar em outros modos de tecer relações e configurar outras formas de trabalhos.

Essa maneira compartilhada de organização e gestão do Acervo RecorDança também influenciou no modo de realização da edição do HPO3 – Narrativas Femininas. A escolha de descentralizar a decisão de quem seriam as entrevistadas pelo projeto e de multiplicar as vozes nos podcasts (que, inicialmente, abarcariam apenas cinco mulheres e se desdobrou para 20) bem como a opção de realização das lives para dar voz a mais outras mulheres artistas e a escrita deste ensaio a várias mãos refletem o desejo de um modo de propor uma pesquisa coletiva, cultivando uma multiplicidade de perspectivas a partir de uma experiência comum compartilhada.

Para mapear essa multiplicidade, foi proposto ao final do grupo de estudos que cada integrante fizesse uma cartografia que pudesse apresentar com as referências de artistas mulheres que influenciaram suas carreiras e formação em Dança. Essa atividade resultou em diferentes desenhos (árvores, mandalas, flores, constelações, etc.) que conectavam várias artistas mulheres importantes para o cenário da dança recifense. Foi a partir delas que foram emergindo as mulheres que participaram das entrevistas e lives.

Além disso, ao longo do grupo de estudos, foi cultivado e valorizado o tempo de se ver, de sentir, de se permitir observar o próprio corpo e as temporalidades e disponibilidades de cada uma para que pudessem se colocar em relação com a coletividade. Isso porque foi muito conversado entre nós, como, frequentemente, a criação de uma mulher, com todas suas demandas sociais, exige um tempo bem diferente da produtividade. E isso, às vezes, lança as mulheres para fora de um circuito de visibilidade constante, que é imposto pelas mídias e o mercado artístico. Cultivar um outro tempo de reflexão e criação no grupo de estudos foi muito importante para as envolvidas, principalmente, por estarmos atravessando um contexto de isolamento social e muitas perdas afetivas diante da pandemia da covid-19. Então, essa prática de escuta e acolhimento já realizada entre as pesquisadoras do Acervo foi ampliada no grupo de estudos. Dar corpo, para nós, é dar sustentação para nossa voz coletiva.

Assim, compreendo que o projeto foi delineando uma relação íntima entre a forma de organização e os conteúdos gerados, valorizando a construção metodológica da pesquisa a partir de uma prática, em processo, e de acordo com a contribuição das presenças que estavam no projeto. A feminista latino americana Ochy Curiel, defende a “[...] construcción política desde la acción colectiva autogestionada y autónoma que produce teoría propia y un pensamiento descolonizador” (CURIEL, 2009, p. 5). Ou seja, investir numa reflexão de mundo que esteja implicada com a prática coletiva, descentralizada, é um modo político de reinventar as formas de atuação.

Como buscar vozes das mulheres artistas para a construção de políticas de base do país?

É sobre responsabilidade coletiva, limite como cuidado. E não perder de vista “a vida” como valor primordial. Historicamente, as mulheres foram tratadas de maneira objetificada, sendo seu corpo e sua vida propriedade de outros (pais, maridos, filhos). Além disso, seu trabalho cotidiano de cuidar desse ambiente doméstico (casa, cozinha, lavoura, crianças, educação) nunca foi realmente valorizado como parte da cadeia produtiva econômica (FEDERICI, 2017). As mulheres, geralmente, estiveram a serviço do coletivo, o que, por vezes, torna difícil reconhecer o que é sua potência singular. Ao longo da história, houve uma exploração das mulheres para além do humano, coadunando com um pensamento extrativista da própria vida, assim como é feito até hoje com a terra.

Uma imagem que me fica dessa experiência do projeto HPO3 - Narrativas Femininas é a de

uma semeadora. Uma ação de cultivo de uma terra que há muito vem sendo explorada. E me referencio nas reflexões trazidas por Ursula K. Le Guin que traz uma teoria das mulheres como guardiãs das sementes. É a potência de uma semente plantada que reverbera para o crescimento de uma floresta, de uma multiplicidade de convivências, que se coabitam. Um desejo de nutrição de outros cenários para as artistas da Dança, que seja frutífero para mulheres e suas expressões e vidas.

Referências:

CURIEL, Ochy. **Descolonizando el feminismo**: una perspectiva desde America Latina y el Caribe. 2009. Disponível em: <https://feministas.org/IMG/pdf/Ochy_Curiel.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2021.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. Trad. de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

LE GUIN, Ursula K. **A ficção como cesta**: uma teoria. Disponível em: <https://www.academia.edu/44858388/A_Fic%C3%A7%C3%A3o_como_Cesta_Uma_Teoria_The_Carrier_Bag_Theory_of_Fiction_Ursula_K_Le_Guin>. Acesso em: 05 ago. 2021.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. [S. l.]: Ed. Coysseus, 2007.

Liana Gesteira Costa

Pesquisadora do Acervo RecorDança

SEMENTES DO HPO3

Participar do projeto foi muito emocionante, gerou muitas reflexões para escolher o que falar. Me fez pensar minha dança dessa perspectiva de ser mulher. Quando ouvi o podcast editado, com outras vozes, foi mais emocionante ainda. Reconheci um tecido de que minhas memórias fazem parte. Percebi também que algumas coisas que falei como concluídas, como fases vividas, ainda estão em processo. Olhar para isso me ajudou a me repensar no hoje. Não consigo ver ainda uma ação concreta, mas acho que foi uma ação muito importante para todos que participaram ou ouviram. Beijo, flores lindas. Amo vocês.

Valéria Vicente

Fundadora do Acervo RecorDança

Entrevistada no projeto “Histórias ao Pé do Ouvido – 3ª temporada: Narrativas Femininas”

É sempre um prazer e sempre foi muito prazeroso trabalhar com a equipe do Acervo RecorDança. Tenho muito afeto e admiração por cada uma das mulheres fazedoras do Acervo e, mais que isso, acredito ser de uma grandeza imensurável a importância que o RecorDança tem para com a memória da Dança pernambucana e do Brasil.

Em Histórias ao Pé do Ouvido 3 – Narrativas Femininas, participei novamente como designer. Novamente e agora sou mais uma semente, mais uma camada. Agora, como mãe artista que sou, preciso relatar o quanto fui respeitada e acolhida por estas mulheres. Na real, sempre fui! Mas quem é mãe e artista sabe bem como nosso tempo é diferente e dilatado e poder ouvir frases como “Faça no seu tempo” e “Faça como for possível” foi extremamente gratificante, afetuoso e empoderador. E assim, nesse ambiente, criei possibilidades e inventei um monte de traços - trajetórias - para a realização da arte gráfica.

E inventando, seguimos juntas, rodopiando nessa ciranda entre memórias, afetos, danças e narrativas femininas.

Agradeço!

Iara Sales

Responsável pela arte gráfica do projeto “Histórias ao Pé do Ouvido – 3ª temporada: Narrativas Femininas”

Quando o convite aconteceu, tudo já mudou daí. A provocação de acender em palavras a história da mulher que sou, através da narrativa entrelaçada com a caminhada da dança que nutro, encorpo, planto, acredito, concebo, gesto, dou à luz, acho, canto, busco, assombro, abriu em meu corpo, imediatamente, um mangue, estuário muito vivo de memórias que passaram a me visitar cada vez que pensava em estar junto com o RecorDança nesse encontro que foi/é, também e ao mesmo tempo, comigo mesma, gerando milhares de pequenas vidas. Numa vastidão e “organização caótica” inéditas à minha experiência, com toda essa estrada acordada, vibrando de ventos, poeiras, nomes, toques e rostos cotidianamente, fui escolhendo não escrever nada sobre, apenas sentir, deixar reverberar a cada dia; e, no dia do encontro, assim como o mergulho no improviso me guia

em pesquisa corporal enquanto ser movente em arte, que me fosse caminho igual para o contar em palavras, na força do agora compartilhado, o que viesse a se fazer voz a ser gravada no tempo pela experiência desses sentimentos redespertados... Ah, o tempo, esse além tão metamorfoseante num registro que fica; o que me invadiria e seria ofertado nessa narrativa presenteada a essa escuta nossa?

Em tempos tão confusos de pandemias várias, da lição dos vírus ao genocídio crescente vivido pelas ações políticas no desgoverno do nosso belo país, para uma mulher-artista, como muitas de nós subtraída dos palcos, das ruas, da cena, repensando-se virtualmente sem saber nem por onde começar, na errância de refazer-se, que por privilégio se mantinha em casa, onde morando só, o ensozinhamento trouxe imensas reverberações na quarentena; para mim, ser ouvida livremente por tanto tempo, numa contação de si dançante e em fluxo diante da escuta afetiva atenta de cada pessoa amada que acompanhava esse momento, foi um imenso presente, interrompendo tantos silêncios desse agora adoecido em proporções catastróficas na história da gente. Plural! Algo muito especial sobre colocar-se em lugar de fala foi movido, mexido, se aurou em mim e isso é vastidão inerente a todos os passos que se fizeram no após, artisticamente, na vida, no dentro, no dado. O que somos juntas em singularidades vastas e afetos diversos, no entrelaçamento da fala que se materializa e das palavras contidas, de outros passos vividos, de outras memórias vitais, que por algum motivo ficaram de fora dessa vez, dessa história registrada, isso também passou a me mover ainda mais do que antes como pesquisa, pergunta, vereda poética e fresta de autotransmutação... Estar com vocês no HPO3, junto aos afetos movidos pelos encontros posteriores que vieram pós-lançamento, com tantas outras pessoas queridas, segue reverberando. Essa mulher como fala e história em dança, em alguns núcleos de fé, foi renascida nesse projeto, com vocês!

Silvia Góes

Entrevistada no projeto “Histórias ao Pé do Ouvido – 3ª temporada: Narrativas Femininas”

Pois é. Histórias ao Pé do Ouvido 3: Narrativas Femininas e eu. O que eu imaginava que era para ser só “ao pé do ouvido” revirou o meu coração, esvaiu pela minha garganta, chegou a minha boca e a partir dela: a minha pele e o mundo!

Eu, Lu Raposo, artista da dança na forma de luz, percebi que a voz que eu tinha não era a minha. Pois ela era opaca, sem cor, sem alma (pelo menos, não era a minha alma que ela representava). Percebi que sempre tinha deixado a minha verdadeira voz abafada, mesmo que sem saber ao certo que ela estava assim, sei lá... inconscientemente, penso, às vezes.

A partir dos nossos encontros, reconheci dentro de mim a minha força. A minha força de Mulher que sou e tenho! A força da minha ancestralidade feminina tão vibrante na minha história, mas que eu a deixava de lado.

Hoje, me olho no espelho, mesmo nos dias mais difíceis, e me reconheço Mulher com todas as minhas qualidades e defeitos. E não tenho mais motivos para esconder nenhum deles. Vejo o espaço em que habito dentro das minhas várias facetas. E vejo, ainda mais, que esse espaço é meu por direito, força e sensibilidade. E mais ainda, e tão importante quanto, reconheço nas outras tantas mulheres o seu imenso lugar. Ser Mulher já é ser gigante, já é ser completude.

Gratidão ao Acervo RecorDança, feito por tantas mulheres incríveis, por tanto... Devo e agradeço por ter me ajudado a me reconhecer no meu mais íntimo lugar.

Luciana Raposo

Participante do grupo de estudo e uma das entrevistadas no projeto “Histórias ao Pé do Ouvido – 3ª temporada: Narrativas Femininas”

Minha participação na 3ª temporada do Histórias ao Pé do Ouvido se iniciou em julho de 2020 com o acompanhamento do grupo de estudo, que se desdobraria na escolha das entrevistadas, realização de roteiro, edição e finalização, servindo de base para toda a criação do podcast. Nesse período, estávamos há três meses de pandemia, que se somava à minha transição do meio urbano ao meio rural, além de uma desesperança profissional e o adoecimento de meu pai. Participar desse grupo de estudos me trouxe estímulos ao corpo que, naquele momento, estava atrofiado, totalmente voltado ao universo virtual.

À medida em que o processo se aprofundava, fui redescobrimo uma área de trabalho que já havia atuado antes, mas não com essa imersão. Sempre estive trabalhando na área técnica do som, tanto captação de som como edição de som, principalmente, para vídeo e cinema. Já havia trabalhado com podcast, mas não dentro dessa popularização e nem em formato de entrevistas, diversos protagonistas. Dentro deste contexto pandêmico de isolamento social, de falta de contato entre os corpos, como trabalhar um conteúdo que, justamente, subverte o distanciamento, a inatividade e a paralisação?

A semente que surgiu após essa vivência foi mais uma questão íntima do que pública; foi reconhecer que eu sigo uma linha específica de trabalho; foi admitir para mim mesma que estou estudando e esmiuçando um saber: a prática de salvaguarda de memórias. Racionalmente, eu não havia percebido que a maioria dos trabalhos que eu colaboro ou crio, e os que me dão mais prazer,

são dentro do universo da memória, do acervo, do processo de musealização e patrimonialização.

Lara Bione

Editora dos podcasts no projeto “Histórias ao Pé do Ouvido – 3ª temporada: Narrativas Femininas”

A minha primeira participação no HPO foi lá em 2014, quando nós nem pensávamos em viver uma pandemia. Desde o início, usei os meus conhecimentos e a minha experiência profissional para fazer ecoar as vozes da Dança através desse projeto tão especial, que, não só resgatou, mas dá voz à memória da dança pernambucana. Lembro da primeira entrevista que conseguimos no Jornal do Commercio e de viver cada etapa de amadurecimento do projeto.

Chegar em 2021 e acompanhar toda a maturidade do HPO, agora criando um grupo de memórias e compartilhamento de experiências entre as mulheres, é sentir que estou contribuindo um pouco para tornar o mundo um lugar melhor, na medida do possível. Não é só fazer uma assessoria de comunicação. É ser mulher, nordestina, jornalista e professora, sendo ponte para que toda a potência desse projeto possa ganhar visibilidade e reconhecimento fora do círculo social da Dança.

É no diálogo, na escuta e na interlocução que se constroem novos olhares e novas partilhas. E esta edição não foi só uma “re-constituição”, foi espaço de acolhida e de sensibilização, pois, juntas, as mulheres da Dança fizeram dos encontros um espaço de humanização dessa experiência vital que é ser mulher em uma sociedade patriarcal.

Beth Oliveira

Assessora de imprensa no projeto “Histórias ao Pé do Ouvido – 3ª temporada: Narrativas Femininas”

No início da pandemia, tive o prazer e a honra de acompanhar o grupo de pesquisa/compartilhamentos para gerar a temporada do Histórias ao Pé do Ouvido sobre narrativas femininas/feministas na cena recifense. Durante esse período, mais do que tudo, pude conhecer um pouco de tantas mulheres incríveis, fortalezas que reconhecem o poder do coletivo para superar as dificuldades e violências da vida, mas, ao mesmo tempo, leves e flexíveis, lidando com as dores com praticidade e diálogo.

Me ensinaram bastante sobre o lugar político que ocupamos como mulheres e como artistas; me fizeram refletir bastante sobre nossas potências, não somente por sermos mulheres, mas que, justamente por conta das violências que passamos sendo mulheres, conseguimos gerar, conseguimos sensibilizar.

Além de me abrirem os olhos e os poros para diversos textos e artistas incríveis (alguns/algumas influenciando minha pesquisa pessoal), me fizeram pensar e refletir sobre como estou valorizando essa rede de mulheres que atuam logo ao lado, pavimentando o caminho para que tantas outras possam existir na cena, e como posso chegar junto também, fortalecer, dialogar. E isso têm guiado bastante meus caminhos como futura educadora, como dançarina/pesquisadora/performer e, principalmente, como pessoa (não que estejam separadas essas instâncias, mas acho importante salientar cada uma dessas).

Julia Gusmão

Participante do grupo de estudo no projeto “Histórias ao Pé do Ouvido – 3ª temporada: Narrativas Femininas”

Olá, amadas. Fiz questão de escrever algo, pois esse ciclo foi muito importante para mim, como mulher, como mulher artista da Dança, como pessoa que pensa a Dança. Bem, eu vi o processo todo como o início de um processo de cura de minha voz. O silêncio sempre me tomou em muitas situações e na minha arte... até que descobri – e vocês fizeram parte disso – que não era bem sobre o silêncio, mas, sim, o silenciamento. Ele se faz em mim em questões muito profundas e toca feridas muito doloridas. Mas, hoje, e cada vez um tico mais, consigo olhar para os meus silêncios e me ver. Antes, não conseguia. E os encontros, os mergulhos, a busca por referências que tanto me habitam, o contorno que nós criamos, tudo isso me ajudou a perfurar e desobstruir alguns lugares. Os encontros deram, sim, um pontapé em meus processos artísticos, tanto na vontade de lidar com as minhas marcas como na urgência de escancará-las... assim que percebi que, se eu mostrasse, tudo ficaria mais... marcado. E é para ficar mesmo. Que fique! Também me encorajou a partilhar de outro lugar – sem medo ou nóias – o meu trabalho com outras mulheres. E eu, que, por tantas vezes, me via “uma impostora”, recebi um “se ligue” de que não há mais tempo a se perder. Vai com medo, vai com marca, vai com dúvida. Temos umas às outras logo aqui do lado. Agradeço muito a vocês!

Isabela Severi

Participante do grupo de estudos e do ciclo de lives no projeto “Histórias ao Pé do Ouvido – 3ª temporada: Narrativas Femininas”

Nossos encontros foram portais de escuta, fala e acolhida. Pude olhar para minha trajetória na Dança, saudando as mestras que me guiaram, assim como observei os caminhos de outras mulheres que formam essa rede plural da Dança em Pernambuco.

Numa escuta coletiva, aprendi não apenas a acolher outras colegas, mas me fortalecer em frente às violências que já sofri como mulher na Dança. De pequenas dores até fendas profundas a serem sanadas, o ato de falar sobre violências vividas fez com que eu dançasse com meu monstro, abrindo espaço para transformações. Sair do silenciamento me fez curar feridas e fortalecer caminhos.

Desde nossos encontros, percebo-me mais atenta para desenvolver estratégias de proteção e cura, mas também mais porosa para apoiar com mais cuidado e força a pluralidade de realidades das mulheres na Dança e seus fazeres. Nesse um ano, fui convidada a participar como criadora de projetos artísticos movida por questões de um feminismo plural. De um mesmo modo, fui convidada por uma parceira a desenvolver um projeto artístico abordando o feminismo interseccional e o estado de violência vivido pelas mulheres como tema central da criação em Dança. Essas transformações confirmam, para mim, que olhar para si e para a outra é modo de recontar e refazer a história, neste caso, “as histórias” da Dança em Pernambuco.

Gabi Holanda

Participante do grupo de estudos e do ciclo de lives no projeto “Histórias ao Pé do Ouvido – 3ª temporada: Narrativas Femininas”

Perguntar se o Projeto Histórias ao Pé do Ouvido, do Acervo RecorDança, reverberou em mim? Não, ele tá entranhado. E sabe o porquê? Vou te contar. Quando iniciamos o grupo, foi bem no início da pandemia, todas sem saber de nada dos próximos passos e muito menos eu, mãe solo e autônoma. Com o decorrer dos encontros, que eram semanais, percebi que estava pesada a participação por conta do tempo longo e me questionei um monte a respeito de minha própria potência como artista, como mulher. Fiquei morrendo de vergonha de levar esses questionamentos ao grupo, pois, sempre, na minha existência como mãe, me autocancelei quando o que pegava tinha

a ver com minha maternidade e o fato de eu não dar conta. Sempre exigi muito de mim, cheguei a ser cancelada em espaços artísticos e isso fortalecia o meu boicote comigo mesma, evitando me colocar num lugar de vulnerabilidade.

Porém, com o grupo composto de amigas, algumas bem próximas, senti que podia ser diferente. E foi. Além de eu tomar a coragem de me expor, uma delas sugeriu que o que eu estava levando a respeito da maternidade, do não se sentir artista, cancelamentos e etc. fosse tema do próximo encontro. Talvez, tenha sido a primeira vez em que me senti tão vista por mulheres não mães. Sim, nesse momento, eu era a única mãe no grupo, e isso foi muito importante na minha reafirmação como artista, principalmente. Em muitos encontros não pude ir, realmente, mas seguia acompanhando pelo grupo de whatsapp e em conversas privadas. Outras mães entraram no grupo depois e isso se ampliou dentro e fora de mim.

A partir desse projeto e de toda a potência que senti nessa roda de mulheres extremamente sensíveis e generosas, passei a investigar mais esse universo da mãe artista e todas as suas questões. Não só as ditas negativas, mas também a potência por trás – pela frente, pelos lados, por cima e por baixo – disso tudo. Ao escrever agora me emociono muito e sinto uma gratidão imensa a essas mulheres do RecorDança, pois houve um rebuliço necessário para tanta coisa após.

Ainda tive a honra de ser convidada para conduzir uma live e escolhi justamente o tema da maternidade e o ser artista, na qual outra amiga artista da Dança chegou para somar comigo. “Ser mãe e todos os seus rolês também constrói corpo e isso é potência pura de criação”, lembro de falar isso na live (pena que não ficou gravada – boicote do Instagram). Essa live foi de imensa importância, ainda mais pela reverberação em mulheres que tanto admiro.

Tudo ficou muito forte no meu corpo, mas, principalmente, o acolhimento e além; uma escuta verdadeiramente atenta e aberta a conhecer outras realidades como construção de novas possibilidades de mundo. Sinto uma vibração potente que, depois, descambou em outro projeto de residência artística também de uma amiga artista da Dança e tá entranhado. Sigo com mulheres artistas mães...

Sinto que, a partir desse grupo, comecei a olhar para minha própria maternidade com mais generosidade; para mim mesma com maior acolhimento e, principalmente, reconhecimento da minha arte, que transborda na minha vida. Pude reafirmar lá, desde aquele encontro, e continuo reafirmando o meu próprio modo de fazer a arte-vida.

O que aconteceu depois, trabalhos artísticos, lida diária com o filho, comigo mesma, trabalhos terapêuticos e cursos, tudo tem um tico do projeto, porque ele também construiu e criou esse corpo de hoje!

Drica Ayub

Participante do grupo de estudos e do ciclo de lives no projeto “Histórias ao Pé do Ouvido – 3ª temporada: Narrativas Femininas”

O primeiro encontro em que eu estive, que foi online, que foi no início, digamos assim, da quarentena, que foi ainda no grupo fechado, via zoom, foi um momento muito importante para mim; me colocou muito nesse lugar de vibrar e de dilatar essa consciência do acolhimento, do acolher, do acolher-se e de passear pela sabedoria de um dia de cada vez. Hoje, eu fiz e hoje deu, hoje foi massa no que deu para ser. Então, isso, particularmente falando, pessoalmente falando, foi muito rico. Foram discussões que permearam lugares do feminino, desses corpos que estavam ali atravessando aquele encontro e várias problemáticas tratando desse corpo mulher que dança, que materna, que tem várias outras questões atribuídas. Foi até uma questão que Drica levantou sobre ela e, aí, aquilo vibrou em mim de uma forma muito necessária de escuta; assim, de escutar essas outras perspectivas de narrativas femininas, dessas mulheres que costuram, que tecem esse fazer artístico em Recife e para o Nordeste. Foi ampliado para outras narrativas, outras realidades.

Eu desenvolvi, após aquele encontro e outros processos vividos, um circuito de lives, acho que de uns três meses. Parei logo no início da gravidez, que eu já não estava dando conta. Mas foi isso: um circuito de lives que se chama “Corpo mulher em jornada”, que é esse tecer de narrativas femininas. São mulheres que estão atribuladas desse fazer artístico de diferentes formas, artistas do corpo, pesquisadoras do corpo; mas também esse leque atribuído a essas mulheres: é uma mulher que dança, é uma mulher que desenha um vestido, é uma mulher que é empreendedora, é uma mulher que, enfim, para além de ser mãe, dona de casa, ser tantas outras coisas que conseguimos ser; esse multifazer e toda a vulnerabilidade que caminha em paralelo a tudo isso.

Então, o encontro com o Recor naquele dia lá no zoom me impulsionou muito para poder desenvolver esse projeto, esse circuito que foi online, mas que vibra muito em desenvolver outras trajetórias, em impulsionar essas narrativas femininas para outras possíveis plataformas de tecnologia, para a vida. Então, foi um lugar que me despertou para essa necessidade de fala, quando a mulher fala do centro, sobre sua vida; quando ela protagoniza sua vida; quando ela desenvolve os seus desejos, ela consegue desenhar com mais nitidez, com mais fluidez esses passos, fazendo, criando e desenvolvendo. O encontro me impulsionou a desenvolver algo que já estava dentro de mim; aí, foi mais assim: uma lupa com o dizer “olha, é massa esse lugar das narrativas femininas, esse lugar de olhar para isso, esse lugar de dar espaço para isso”.

Natalie Revorêdo

Participante do grupo de estudos e do ciclo de lives no projeto “Histórias ao Pé do Ouvido – 3ª temporada: Narrativas Femininas”
